

Em sexto lugar deve examinar se além dos que se achão de virem na Rellação que expesso nesta Quinta addição não estando incluído nella, deve fazer outra nova do aumento que achar e cobrar da mesma forma com a distincção de acrescimo; e nas suas remessas deve praticar o mesmo que já fica expressado a esse respeito. //

Em settimo lugar deve observar todas as ordens que tiver a este respeito do Mins.º e Ex.ª Snr. Conde de Valladares Governador e Capitão General desta Capitania.

Villa Rica a onze de Fevreyro de mil sette centos settenta e dous. O Escrivão da Receyta e Despeza, Silverio Anacleto Villar e Sousa.

Cópia tirada do livro de registro de Provizões Regias, carsas de confirmações, sismarias & etc. Sob n.º 132; pertencente ao *Archivo Publico Mineiro* — de 1708 a 1772.

## SEDIÇÃO DE VILLA RICA

1720

(Fellpe dos Santos Freire)

POR

A. TEIXEIRA DUARTE

Conferencia pronunciada no Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes, a 28 de setembro de 1913, em sessão presidida pelo Exmo. Sr. Julio Bueno, DD. Presidente do Estado :

*Meus senhores*

A fundação, e ainda mais, a dedicação indefectivel com que se vai mantendo o Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes, bem demonstram o que alguém disse certa vez : nem só de pão vive o homem.

E' certo; o homem vive tambem de idéas. A' medida que o direito vai deixando de ser força para ser razão, o individuo vulgar cada vez mais se aproxima da altura onde paira, illuminada e fecunda, a humana intellectualidade.

Dou-me parabens por fazer parte desta agremiação de estudos e reflexões, e outrosim, dou parabens á minha terra, por contar em seu seio, filhos tão illustres e dedicados e operosos, capazes de guardar, em sacratio bendito, as mais lidimas tradições gloriosas de sua historia.

∴

Quem, deliberado a estudar, enfrenta qualquer assumpto historico, fal-o necessariamente por um dos tres motivos, que vou dizer, ou pelos tres, simultaneamente.

Ou porque seja ponto obscuro e mal sabido, e então pretenda elucidal-o; ou porque, sem elementos na cronica escripta ou na tradição oral, para emittir, a respeito, noções mais seguras e inéditas, apenas queira o estudioso submeter a questão baralhada a um methodo que a faça melhor comprehendida; ou, finalmente, porque, em se tratando de um heróe, de um martyr, ou de um genio nacional, queiramos mais uma vez exalçal-o, no intuito nobilissimo de erguer e mostrar a figura excelsa do grande patricio morto, aos olhos quasi sempre indifferentes ou distraidos das novas gerações.

Heroismo, martyrio ou genialidade, são verdadeiras lições de civismo, que avultam, quanto mais longinquo é o passado em que se occultam.

Creio que, quanto a mim, neste momento, apenas conseguirei realisar o derradeiro dos tres motivos apontados, isto é, render preito de sincera e devida homenagem ao humilde porém extraordinario filho do povo, o grande Felipe dos Santos Freire, digno entre os mais dignos, da veneração dos pósteros. Se alguma cousa mais do que isso resaltar ou não deste escripto singelo, que o julguem os competentes e os especialistas.

A respeito do nosso indifferentismo por assumptos historicos, já notou alhures um notavel escriptor patrio, que sabemos mais da historia do antigo Egypto, do que da nossa propria.

Concorreu para isso, a meu ver, o contraste de dois periodos contraditorios em nossa historia contemporanea, ou melhor, influiram dois nortes opostos, que bem caracterizam a inconsequencia da tão respeitavel quão desvaliosa opinião publica.

Um, a exaltação exagerada e meio ridicula, dos factos, homens e cousas desta amada terra; prurido de um nativismo quasi «chovinista», cuja primeira e remota inspiração nasceu, talvez, para o nacional ingenuo, da leitura da *Historia da America Portuguesa*, de Rocha Pitta, em que se dizem as mais bonitas cousas do nosso querido Brazil, a ponto de chegarmos a crer piamente que somos o melhor e o mais rico paiz do mundo, sem rival em qualquer sentido !...

Outro, o impertinente menospreço pelo que é nosso, e a estimação sem limites e incondicional, por tudo quanto de exotico e exquisito importamos do velho mundo.

Este segundo norte, para onde encabeçou, em tempo, a volubidade indigena, tem suas raizes num *malsinado* pessimismo de alguns escriptores brasileiros, que em suas obras mettiam a ridiculo, com o estigma inexoravel de uma critica desassombhada e sincera, a nossa adoração por

nós mesmos; adoração, diziam, filha legitima da mais vulgar e triste ignorancia da historia patria.

E' bom que fique aqui consignado, segundo Sylvio Romero, que esse pessimismo *malsinado* por muitos, é o verdadeiro optimismo, porque é pessimismo por fóra, e por dentro optimismo renovador e salutarrissimo.

«Santo pessimismo, diz elle, que não é cego diante das torpezas do presente, que tem a coragem de estigmatizal-as, sonhando um futuro melhor.

Esse é o optimismo organico e creador.»

A ignorancia da historia e as sugestivas expansões patrioticas do afamado historiador de 1730 foram as determinantes dessas duas correntes, em polaridade uma com outra.

Felizmente, já agora vamos adoptando um meio termo necessario e benefico; nem tanto ao mar, nem tanto á terra, nem muito brazilóphilo nem tampouco muito brazilóphobo.

Por isso é que já não desprezamos, como outr'ora, os heróes indigenas, em contraposição aos peregrinos de nomes estramboticos.

Ao revez, vamos estudando seus feitos brilhantes e admirando seus legitimos titulos de valor e benemerencia.

Filho deste Estado e muito amigo dessa terra futurosissima, eis a razão por que me tenho dado ao estudo de sua historia, a mais interessante e rica das historias regionaes do nosso paiz.

Destaquemos o ponto que nos propuzemos estudar : Felipe dos Santos ou a Sedição de Villa Rica.

Foi isso no ultimo anno da segunda decada do seculo dezoito, em 1720.

Conecemos, para bom metho lo, pelos antecedentes da revolta, e o faremos em resumo.

As causas que produziram a celebre sedição popular, devem ser divididas, logicamente, em duas categorias. Primeiro, e cronologicamente, temos a causa efficiente dos acontecimentos, a qual é constituida por uma duzia ou mais de impostos pesadissimos, que, desde a descoberta do ouro e do diamante, havia cerca de vinte e cinco annos, vinham obrigando os mineiros a entregar á coróia portugueza muito mais de cincoenta por cento do producto liquido de seu trabalho.

Além de outros, os dizimos, as passagens dos rios, os direitos de entradas, o quinto do ouro, as iniquas dez oitavas por batóia e os irrisorios alfinetes para a rainha !...

No emtanto, na capitania, nem estradas, nem pontes, nem escolas nem policia, nem correios, nem cousa alguma que fosse, para justificar tantos tributos.

Em segundo vem a causa ocasional, isto é, aquella que, no momento, fez os povos delirarem, e, precipitadamente, a 28 de junho daquelle anno, descerem, em borbotão, do morro do Ouro Pódre, depois da Quei-

mada e hoje S. Sebastião, agredindo os potentados em suas próprias casas, a começar pela do ouvidor.

Essa causa representa-se na famigerada lei de 11 de fevereiro de 1719, promulgada por D. João V, «creando uma ou quantas Casas de Fundição fossem necessárias, e á custa da real fazenda, para evitar dilações.»

Da execução dessa lei em diante, a unica fôrma de cobrar os quintos seria, fundido o ouro em barras cunhadas, com valor e quilates.

Divergimos de alguns cronistas, que reputam esse processo de cobrança do quinto mais vantajoso para o contribuinte, do que os anteriores ajustes. A razão disso é óbvia e decisiva.

E' que, áquelle tempo, não havia hypothese, era normalmente inconcebível que a metropole lusitana promulgasse lei alguma favoravel ao povo da capitania. Resalta de todas as paginas da historia colonial que os reis de Portugal outra cousa não visavam senão o fausto, a opulencia, o esbanjamento, á custa do ouro mineiro, soffresse embora todo o povo, esmagado ao peso bruto de deshumanos impostos.

Demais, accresce assignalar, aquella época, os seculos quinze, dezeseis, dezeseite, até meados do dezoito, por outras causas, e tambem por proximos do abafado clima social da idade média, era ainda o tempo em que predominava o esdruxulo instituto da feudalidade, sob fôrmas diversas e absorventes: a realza e o despotismo.

Feudalidade, sim, porém de nova especie, porque sem o suserano ter a obrigação indeclinavel de proteger os seus vassallos em quaesquer circumstancias. E'poca essa em que ainda não havia nascido na alma do terceiro estado o embryão, siquer, da sua autonomia e do seu valor.

Por isso, e como compensação, constatamos que, quando este paiz era colonia, e gemia captivo e inculto, tambem o povo francez, o allemão, o inglez, o hespanhol, como nos informa Thomaz Buckle, em sua *Historia de Civilisação na Inglaterra*, eram todos tratados, com pouca differença, como, na antiga Roma, o escravo.

Os povos das minas eram, a esse tempo, o desherdado que se consumia fibra á fibra, em trabalhar para os potentados de todos os mazes.

Portanto, não é demais que se conclua: — tambem as famosas Casas de Fundição não lhes vieram favorecer em cousa alguma.

Affirma o sr. Diogo de Vasconcellas que os frades e magnatas incutiram no espirito do povo que a lei de 11 de fevereiro era tyranica; isso em puro proveito delles, porque viviam do contrabando do ouro, que havia de cessar com as fundições.

Não negamos que esses espartalhões, de distensiva consciencia, praticassem um tão sedição subterfugio. Era natural que quizessem fazer do pobre povo, já oprimido, o instrumento de suas represalias.

Porém, certo é que, apezar disso, o povo teve motivos, e grandes, para se revoltar, porque a crecção de taes casas e a execução de tal pro-

cesso vinham augmentar ainda mais a sobrecarga dos multiplos impostos que pagava.

Basta esclarecer que o povo seria, ainda mais, sugado com o pretexto da purificação do ouro a fundir; teria o viver ainda mais dificultado, com a prohibição de correr o ouro em pó como dinheiro; teria que concorrer mais para os impudentes *donativos voluntarios*, dotes ás filhas dos reis, quando se casavam; e, além do mais, teria que abandonar suas lavras, por tempo longo e indeterminado, para ir esperar que lhe despachassem os negligentes empregados do fisco e das fundições.

Não obstante, as balelas dos astutos frades repercutiram por toda parte, sendo causa proxima da sublevação de escravos do Rio das Mortes, da sedição de Pitanguy e da terceira, e mais importante, de Villa Rica.

Nessa de Pitanguy assignalemos, como um dos sintomas do espirito de independencia em Minas, o desassombro do famoso *cabecilla*, Domingos do Prado, genro do celebre *Anhangüera*. Por ordem do Conde de Assumar, seguiu o ouvidor do Ribeirão do Carmo, com forças, a fim de captural-o.

Não o conseguindo, pois desterrára com outros para os confins de Goyaz (onde fundou Meia Ponte, o primeiro arraial goyano), ordenou o ouvidor que fosse em Pitanguy erguida uma fôrca e executado em effigie o audaz rebelde. «Este, accrescenta Diogo de Vasconcellos, ao ter noticia de tal comedia, mandou fazer tambem uma fôrca em um alto de seu campo, e nella pendurou o ouvidor, mascarado na mesma figuração picaresca, isto no meio de estrondosas gargalhadas e apupos dos companheiros.»

Convem recordar que nesse tempo verdadeiramente aureo, a capitania vivia constantemente amotinada. Motins semelhantes tinham surgido quatro annos antes, em 1715, sob o governo de D. Braz Balthazar da Silveira, sendo o mais celebre o do Morro Vermelho, causado pelas inominaveis dez oitavas por batêia que trabalhasse nas lavras. Deante dessa rebellião, o governo capitulou, suspendendo a cobrança de imposto tão injusto quão absurdo.

Foram cabeças da revolução de 1720 o mestre de campo Paschoal da Silva Guimarães, o sargento mór Sebastião da Veiga Cabral, o ex-ouvidor, dr. Manoel Musqueira, frei Vicente Botelho, filho deste, frei Francisco de Mont'Alverne, Thomé Affonso, de quem dizia o Conde de Assumar: «a pessoa mais perniciososa de quantas entraram na revolta», e, finalmente, o tribuno e agitador popular, Felipe dos Santos Freire, o mais desambicioso e leal dedicado á causa do povo e da justiça.

A este o Conde apelidava, escrevendo ao rei, o mais *diabolico homem que se pode imaginar, o agente por quem o povo se movia, e que fez cousas inauditas nos motis*. E accrescentava em outra epistola á corôa, que *Felippe confessara de plano todos os seus crimes*.

Não obstante reunidos, por vezes, em conciliabulos, no morro do Ouro Pódre, como conspiradores, os planos concertados foram falhos e mal assentados de afogadilho, sem que a tudo presidisse, como devia, uma cabeça directora, fleugmatica e perspicaz.

O rompimento foi a 28 de junho, como acima dissemos, e não tendo sido encontrado em casa o ouvidor Martinho Vieira, os revoltosos, que eram dois mil, permaneceram toda a noite junto á igreja de Santa Quiteria, hoje do Carmo, (\*) ao lado e guiados pelo infatigavel e denodado Felipe dos Santos, unico dos cabeças, verdadeiramente identificado com a revolução, pela causa do povo.

Nessa attitude guerreira e ameaçadora, fazendo um proprio, o letrado José Peixoto, endereçaram ao governador, no Ribeirão do Carmo, atrevida intimação, exigindo fossem suspensas as casas de fundição e os arbitrarios processos de extorsões fiscaes, que tanto vexavam a população, e ainda mais, a outorga de pleno indulto ao povo pelos meios por que buscara justiça.

Tiveram que secundar identica intimação, em virtude das respostas evasivas do Conde, que, afinal, resolveu, por calculo, adiar por um anno a vigencia da abominada lei de 11 de fevereiro.

Os revoltosos resolveram então, e praticaram as prisões dos camaristas de Villa Rica, no proposito de os não soltar enquanto não fossem aceitos os artigos do acôrdo, enviados ao capitão general.

Seguiram os dois mil revolucionarios, a 2 de julho de 1720, para o Ribeirão do Carmo, levando consigo, e adiante, os membros da Camara de Villa Rica, e fizeram que estes fossem o órgão denunciante de prevaricações, de que elles proprios eram participes.

Sublime humilhação imposta pelo povo irado!

Ahi, em frente do palacio, exigiu do inolvidavel Pedro de Almeida, em resumo:—a não execução das casas de fundição, não estabelecer nenhum contrato novo, não serem pagas as cargas no registro da Borda do Campo e sim onde descarregassem, não pagar por negro senão uma e meia oitava e, finalmente, entre muitas outras intimações, quiz o povo que lhe fosse concedido o perdão geral.

A tudo cedeu o Conde, com a mais refinada hypocrisia, refreando embora com solercia, as amarguras de tão insolita humilhação, que lhe dilacerava a alma, toda feita de cavilação e astucia.

Eram quatorze artigos de um libelo eloquentissimo.

Eis aqui o comento sublimado e cheio de civismo de Xavier da Veiga: «Expoente notabilissimo esse de um povo, ainda na infancia da civilização, tão esclarecidamente concio de seus direitos, tão resoluta-

(\*) Alguns cronistas affirmam que se passaram depois os revolucionarios para o largo da Camara, que era, a esse tempo, no Fundo de Ouro Preto.

mente attivo na sua defesa! Comquanto lhe fosse scenario uma simples capitania ainda inculta, em recônditas montanhas da America, não recorda a attitude quinhentos annos antes, da velha e altiva aristocracia britanica, impondo ao rei João a *magna carta* das liberdades inglezas?»

A victoria popular fôra a mais completa e estrepitosa. Porém a prepotencia, estava escripto, tinha de triunfar, mais dia menos dia, e muito proximamente.

Como é natural e humano, os revoltosos, homens do povo, e incultos, como soem ser todas as grandes massas sociaes, experimentaram, após a excelsa victoria, o trasbordamento dos grandes enthusiasmos que se não contém. Dahi os desacatos individuaes havidos numa e noutra villa.

Parece que, neste ponto, a opinião mais aceitavel, de acôrdo com os dados historicos, com a logica e com a razão, é a que um historiographo traduziu nesses termos:—«A alma fermentada de Assumar tramou, naturalmente, e com a pericia peculiar aos habeis caviladores, toda a urldadura que poz a perder a revolução».

Para tanto teve em seu apoio o, para elle, inestimavel elemento da supinha incultura geral que era a nota predominante em toda a capitania.

Assim foi, que fez assoalhar pelas quatro comarcas em que se dividiam as *geraes*, que os cabeças Paschoal, Musqueira e Cabral (e nessa parte elle não exagerava) pretendiam ocupar os postos do governo mineiro, e que já distribuiam por seus asseclas os cargos publicos. E accrescentava que haveria de reinar, dahi por diante, a mais iniqua e desenfreada oppressão.

Com isso e á custa de seus *bandos* atrabiliarios, quiz e conseguiu as sympathias e adhesões dos povos das minas, sympathias e adhesões que não lograram conquistar os revolucionarios, por falta, como dissemos, de uma cabeça directora, fleugmatica e perspicaz.

Se alguma razão existe para se julgar que aquelles chefes citados alimentavam pretenções a governar Minas, nenhuma se encontra a respeito da figura moralmente inteiriça de Felipe dos Santos.

Couto de Magalhães diz que elle foi um desses homens excepcionaes, que passam obscuros nas circumstancias ordinarias; mas que, chegando as crises, desenham-se de repente e crescem de um dia para outro, como se fossem auxiliados por uma potencia mysteriosa.

Depois dos compromissos solennes do Conde, nesse memoravel dois de julho, Felipe dos Santos aquietara-se, desinteressado e tranquillo, com a victoria tão brillantemente conquistada, e assim como elle, o povo passara tambem ao viver normal, productivo e despreocupado dos que trabalham por indole e por necessidade.

Assumar garantiu, sob palavra de honra, que a ninguem castigaria, porém preparou e levou a cabo a feroz desforra.

A 13 e 14 desse mesmo mez são presos os revoltosos, em Mariana e Ouro Preto, sendo Cabral enviado para o Rio de Janeiro, por caminhos escondidos, e os outros encarcerados, para depois terem o mesmo destino.

Restavam Thomé Affonso e Felipe dos Santos. Este, ao saber das prisões dos companheiros, partiu para Cachoeira do Campo, e ali agitou o povo para a revindicta, tendo cahido prisioneiro, assim como Thomé Affonso, em Sabará, e tendo sido destruidos os populares, pela força numerica dos dragões do rei.

A 16 de julho veio de Mariana o governador, com um sequito numeroso e armado, e chegando a Villa Rica, *in colinelli*, como Nero, a Roma, mandou, por Manoel Madureira, incendiar o arraial de Paschoal da Silva, habitação de mais de cinco mil pessoas, situado em todo o morro do Ouro Pódre, cuja denominação ficou sendo da Queimada, para memoria execranda de tamanha perfidia.

Eis como se expressa, a respeito, um patriota sincero:—«O viajante que passe pela cidade de Ouro Preto, vê ainda hoje essas muralhas enegrecidas semeadas ao longo da montanha.

Ignorando a historia do passado, aponta para ellas e diz:—alli está a obra estragadora do tempo.

Não, não foi o tempo que as produziu, foi o despolismo.

Essas ruínas negrejam ali como reliquias sagradas do passado, até que o brasileiro, menos ingrato para com seus maiores, vá soletrar nessas pedras fendidas e derrocadas pelo incendio, uma das paginas mais gloriosas de sua historia.»

A felonía do Conde não parou ali. «Sem embargo do perdão, concedido aos revoltosos, em nome d'el-rei, foi preso e justicado o maior dos cabeças, Felipe dos Santos, a 16 de julho, segundo as narrativas de Pedro Taques e Diogo de Vasconcellos, o antigo, que publicou «Memorias sobre a Capitania de Minas», em 1807. (\*)

Xavier da Veiga classificou de *assassinio juridico* a execução desse heróe.

A tradição tem perpetuado que o patriota-martyr fôra amarrado ás caudas de quatro cavallos bravos, montados por peões, arrancando cada um para seu lado, e assim barbaramente morto e esquartejado !...

O Conde, em carta ao rei, de dois de agosto de 1720, disse:... *o mandei arrastar e esquartejar!* Não é esse um ponto ainda perfeitamente decidido.

A tradição aproxima-se mais dessa ultima versão, do que da *força e consequente esquartejamento*.

Além disso, pesa muito na balança um topico da carta-patente a Manoel de Guedes Barros Madureira, a qual se lê a paginas 115 da Revista do Archivo Publico Mineiro, de 1899.

(\*) Thomé Affonso eximiu-se da justiça secular, por haver, em tempo, recebido ordens menores.

(Note se que transevo como está no original, com todos os erros de portuguez.)

«... vindo por ordem do governo por fogo as casas do d.º Mestre de Campo Pascoal da Silva Guimarães e dos seus sequazes por ser assim preciso para castigo exemplo dos mais revoltosos gastando se nesta deligencia perto de hũ dia em que houve gr.º trabalho, e risco Succedendo ficar quasi sufocado co fumo e fogo em hũa rua que por todos os lados se assendeu e pello seu vallor e conhecido talento foi encarregado da guarda de hũ facinoso que o Governador mandou arastar pellas ruas e esquartejar para horror dos mais Regulos e acompanhando-o até o logar do supplicio com soldados armados pelo recio que havia de que o povo entente embarçar etc...»

O proprio capitão general confessou em outra missiva, que não tinha attribuições para proceder tão summariamente! Dahi vem o motivo por que elle, querendo suavisar a criminalidade de seu acto, mandando matar Felipe dos Santos, proclamou que esse cabeça tratava de estabelecer aqui uma republica independente.

É pura fantasia ou subterfugio, pois que nenhum elemento havia, então, capaz de fazer germinar tal idéa.

A incultura era geral e profunda, e o unico, dos que chefiavam o movimento, que era um revoltado sincero, foi esse heróe, alma constituida de probidade, ardor e dedicação, mas, infelizmente, de muito rasa instrução.

Não havia forças, nem materiaes, nem intellectuaes, sobre as quaes se apoiasse o ideal republicano. Demais, não consta isso senão em cartas do Conde.

Dos historiadores que nos vêm guiando neste assumpto, um, com quem estamos de perfeito acôrdo, insiste em demonstrar pontos de contacto entre a revolução de 1720 e a memoravel de 1789.

Resumiremos que, em ambas presidiram a noção do direito e o sentimento da dignidade humana; em ambas, numerosas foram as victimas mettidas em masmorras ou desterradas; em ambas, apenas um delles padeceu a pena capital; em ambas, o esquartejamento após a morte ignominiosa; em ambas foram fincados, em postes ignobeis, pedaços do corpo do martyr; em ambas, os heróes assassinados mostraram coragem stoica, admirada pelos proprios verdugos; em ambas, os condemnados á morte confessaram, allivos e extraordinarios, a *hediondez* dos crimes que praticaram; em ambas, os dois martyres demonstraram, até final, a maior abnegação e absoluto desinteresse pessoal; em ambas, como sóe acontecer em todas as conspirações, que fracassam contra a tyrania, houve os infames delatores; numa, Silverio, Brito e Pamplona; noutra, o escrivão Manoel José e o padre Pedro de Moura Portugal—os réprobos do patriotismo !...

E acrescentamos tambem, por nossa conta, que numa e noutra os unicos verdadeiramente abnegados e sinceros, eram legitimos brazi-

leiros (\*) e filhos humildes do povo; numa e noutra, Tiradentes e Felipe dos Santos proclamavam-se e foram advogados espontaneos e desinteressados do povo oprimido; numa e noutra aconteceu que alguns dos conjurados procuraram innocentar-se; e, finalmente, numa e noutra foram almas gigantes da revolução os menos illustrados dos que conspiravam em favor do povo espoliado.

Os menos illustres, talvez, porém os unicos fraternalmente identificados com o povo, na causa santa da sua libertação.

Dois pontos houve, todavia, em que se nota contraste frisante em uma e em outra das revoluções mineiras. Um é que os companheiros de Felipe, apesar de conhecidos como cabeças da revolta, confabulavam com o capitão general governador, ao passo que os incondentes de 89 foram trahidos, como Xavier, porém viviam afastados do convívio official. Desse deletério meio de intrigas e mexericos.

Outra divergencia ainda mais consideravel, no confronto que se haja de fazer das minudencias dos dois factos historicos, é que Tiradentes teve por companheiros de conspiração homens verdadeiramente illustrados, na politica e na jurisprudencia, intelligencias merecidamente consagradas na poesia e na magistratura.

Eram Claudio, Gonzaga, os dois Alvarengas, Maciel, Toledo, Vieira Couto e outros, emquanto que o suppliciado de 1720 teve por comparsas, coevos que quasi se não distinguiam d'elle, excepto Musqueira e Mont'Alverne, pela maior instrucção, mas sim pela maior fortuna e pela maior posição social; eram mais felizes!...

Da cronica das duas dezenas de annos do começo do seculo dezoito, ao contrario das duas derradeiras, o que resalta é que, naquellas, a capitania primava pela falta absoluta de instrucção geral e mais nada, porém nestas, isto é, em 89, ao lado e acima da mesma falta de instrucção geral, salientava-se Villa Rica, como o centro intellectual mais distincto da colonia, nessa quadra de lastimavel obscurantismo.

Dos racontos que procuramos resumir, e a cujo enredo bem podemos classificar como um dos acontecimentos epicos de nossa historia, bellissimas e edificantes lições de civismo devemos extrair, apontando-as ás gerações que surgem.

Desde ali, ou antes, desde 1707 a 1711, na memoravel guerra dos *embobas e paulistas*, que já se vem descobrindo o espirito de independencia do povo mineiro, que apenas acabava de nascer para a vida, nascendo tambem para a luta e para as reivindicações.

Tres são os aspectos por que podemos estudar e compreender os grandes vultos da historia patria, para encontrar em suas vidas, fecundos ensinamentos para o futuro:—o da intelligencia, o do character e o da bravura, ou energia pessoal.

(\*) Ha duvidas sobre a nacionalidade de Felipe dos Santos.

Pela intelligencia é lidima gloria brasileira um Gonçalves Dias, pelo character um Tiradentes e pela energia pessoal um Osorio.

No humilde, ignorante, porém intelligente Felipe dos Santos, destacamos nitidamente o aspecto por onde o admirar e respeitar—o do character.

E se algum dentre vós for graphologista, poderá surpreender a ousadia e a linha recta do seu character masculino, examinando o *fac-simile*, existente em nosso Archivo Publico, offerecido pelo sr. dr. Rodolpho Jacob.

Alli se nos deparam os grossos signaes calligraphicos, cheios e firmes, porém assymetricos, como se fossem traçados com uma estaca, e que denotam, talvez, intransigencia, audacia, inflexibilidade.

Era um adamantino esse despretençioso e simples, que apenas sentiu no mais intimo d'alma, o impulso decidido e irreprimivel de esposar a causa do povo que soffria, e por elle bateu-se como um heróe até a morte.

Resalta insofismavel das paginas da cronica, a seu respeito, tal qual como Silva Xavier, que elle não pretendia cousa alguma para si, nenhum interesse pessoal o movia; simplesmente aquella alma feita de bondade e abnegação, capaz de sentir por seu semelhante, o que visava, era ver o povo desopressado, e que o trabalho desse mesmo povo concorresse para a prosperidade, harmonia e bem estar da collectividade. Faltava-lhe preparo, mas talento lhe sobejava, bastante para ter tido a egregia concepção desse ideal.

E' preciso que salientemos bem um facto: Felipe dos Santos não era um valdivinos, nem um aventureiro sem cira nem beira, desses que vemos especularem para explorarem em cima e á custa da credulidade das multidões. Possuia bens modestos de fortuna e escravos em pequeno numero, com os quaes moirejava honestamente, como sóo acontecer com o sertanejo puro de ainda hoje.

Deve avultar em nosso entendimento a figura excelsa de um antepassado que, humilimo rancheiro, de instrucção rudimentarissima, fosse dotado de talento e tivesse tido a alma bastante grande, para se entregar, inteiro, á perigosissima tarefa de defender os direitos de uma população pouco menas que escrava.

Por ultimo, volvamos ainda o olhar para o ponto obscuro, e por isso mesmo discutivel, da nacionalidade de Felipe dos Santos, e porremos.

Os cronistas a esse respeito são omissos ou erroneos.

Um diz que o celebrado demagogo seria provavelmente, reinicola, por ser *amicissimo* de Paschoal da Silva, outro cabecilha, cuja ousadia e coragem eram filhas, mai da sua ambição e da fortuna rapidamente adquirida, do que da abnegação e da sinceridade, que só medram nos caracteres sem jaça.

As duvidas que nos assaltam o entendimento são muito densas e nos não permitem resolver incisivamente a questão da nacionalidade, quo,

aliás para alguns é de somenos importancia, e para outros assume proporções consideraveis.

Raciocinam estes que a alma do verdadeiro patriota, se póde ser embryonariamente hereditaria ou atavica, não se completa senão ao contacto da terra do berço, e é moldada, desde a infancia, a feição do seu ambiente phisico, ao calor dos seus sóes, sob a influencia mysteriosa de suas montanhas e rios e céos.

E concluem que o saudoso antepassado era natural do paiz.

Entendem os primeiros que, havendo poucos annos que Minas fôra invadida por exploradores peregrinos e volantes, era pouco provavel que existissem aqui adultos, filhos da terra.

A familia mineira era incipiente e instavel, ou quasi não existia propriamente.

E sancionam que o heróe de 1720 era luso, ou paulista quando muito. Não divaguemos em vão, que os dados são rars e falhos.

Que esse simples esôrço, que tentei traçar sobre a revolta de Villa Rica, procurando fazer justiça ao merito de um plebeu humilde de condição, porém, gigante de alma, salientando a lição fecunda que deriva da sua lealdade de acção e do seu brilhante character, sirva de incentivo e que outros mais habéis e pacientes nos tragam o valioso contingente de suas contribuições e pesquisas, sobre esse e outros pontos da historia mineira, verdadeiros dramas, cujo enredo ainda mal se delineou em crônicas esparsas e fragmentadas.

São desse numero a controvertida historia dos bandeirantes, e dos emboabas, a do primeiro ouro, a do primeiro grito de republica, a de 42, a dos sympathicos garimpeiros, dos meados do seculo dezoito, typos ditos esdruxulos por mal estudados e incompreendidos, a dos contratadores de diamantes, nesse Tejuco lendario, ora opulentos até o deslumbramento, ora em fases de decadência lastimavel e dolorosa, e porque não? a da figura epica de Tiradentes, ainda agora, ao sol radiante do seculo vinte, distratada por historiadores que o não comprehenderam de todo.

No viver de todos os povos constatamos as fases de descidas e de retrogradação, quando os dirigentes, em vez de os armar, os desprezam e os maltratam como servos indignos.

Nesses momentos é que, diz Victor Hugo: «a revolução é inadiavel, e então os acontecimentos ditam e os homens assignam.» Os homens são creação das revoluções.

A alma popular tem uma especie de vago presentimeeto, a principio, e depois uma como explosão inconsciente, cujo orgão é, ou um martyr vencido, ou um heróe vencedor e glorificado.

Quando os revolucionarios triunfam, as lições contra o despotismo são immediatas e positivas, todos as comprehendem; porém quando os planos e os sonhos de liberdade fracassam, só muitos tempo passado é que vamos aprender nos feitos e na abnegação dos seus corifeus. São os dois casos typicos de Tiradentes e Felipe dos Santos.

Foram vencidos em seus idéaes de liberdade, e por elles morreram; porém hoje, quasi dois seculos decorridos, servimo-nos desses martyres para, mostrando aos novos a inteireza de seus caracteres, a firmeza de suas convicções, colhermos com isso uma regeneradora lição de civismo.

Felizmente nos dias que correm, mais de um escriptor notavel já vae fozendo justiça ao patriota de 1720, homenageando a pureza de sua alma cristalina, o valor de seu patriotismo inflexivel.

Augusto de Lima, um dos poetas maximos do nosso paiz, em sua magnifica opera, *Tiradentes*, figurou que os manes imáculos de Felipe dos Santos foram a visão inspiradora do proto-martyr da republica.

Foi quando lhe pôz na bocca a exclamação destes versos heroicos:

«Era Felipe, o apostolo do povo.  
O martyr que a metropole tyrana,  
Numa febre de sangue ardente e insana,  
Arreatou ao pensamento novo.

.....  
Salve, ó Martyr, bradei, sei tua historia  
E hei de saber honrar tua memoria.»